

ESTUDO ANIMAL PÓS-COLONIAL DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS EM PARA ONDE FORAM AS ANDORINHAS?

A postcolonial animal study of climate change in Where have all the swallows gone?

Estudio animal poscolonial de cambios climáticos en ¿ para dónde fueron las golondrinas?

Simão Farias Almeida

Doutor; Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR

E-mail: simon-jp@hotmail.com

Resumo

Michael Dyson (2005) e Noël Sturgeon (2010) demonstram que (não) humanos são prejudicados por crises climáticas. O documentário Para onde foram as andorinhas? (2015) de Mari Corrêa denuncia os impactos do aquecimento global nos animais e povos indígenas do parque do Xingu. Analisaremos as representações das consequências das mudanças climáticas na migração das aves e nos povos do Xingu, alertando contra as crises ecológicas generalizadas.

Palavras-chave: Estudos animais. Estudos pós-coloniais. Mudanças climáticas. Documentário. Agenciamento ambiental.

Abstract

Michael Eric Dyson (2005) and Noël Sturgeon (2010) demonstrated that both human and non-humans are equally affected by climatic changes. The documentary, Where have all the swallows gone? (2015) by Mari Corrêa, reported the impacts of global warming on the animals and indigenous peoples in the Xingu reserve. We intend to analyze the representations of the consequences of climate change on bird migration and the peoples of Xingu, thereby providing an alert against widespread ecological crises.

Keywords: Animal studies. Postcolonial studies. Climate changes. Documentary. Environmental agency.

Resumen

Michael Dyson (2005) y Noël Sturgeon (2010) demuestran que los (no) humanos son perjudicados por la crisis climáticas. El documentário para dónde fueron las golondrinas? (2015) de Mari Corrêa denuncia los impactos del calentamiento global en los animales y pueblos indígenas del parque Xingu. Analizaremos las representaciones de las consecuencias de los cambios climáticos en la migración de las aves y en los pueblos de Xingu, alertando contra las crisis ecológicas generalizadas.

Palabras clave: Estudios animales. Estudios poscoloniales. Cambios climáticos. Documentario. Agencia ambiental.

Introdução

Os estudos animais nas ciências humanas são recentes e pouco conhecidos por pesquisadores da área. São quase duas décadas e meia entre a publicação de *Libertação animal* (1975), do filósofo bioético Peter Singer, livro no qual defende a mesma ética para todos os animais humanos e não humanos, e *O animal que logo sou* (1999) do filósofo desconstrutivista Jacques Derrida (2002, pp.58-59), no qual critica igualmente a ruptura e o abismo da distância entre eles. Esses pressupostos rendem contribuições até a atualidade e influenciam os estudos pós-coloniais ambientais contemporâneos. Antes de entrar nessa seara teórica, precisamos discutir seus paradigmas a respeito da problemática das identidades e da comunicação das minorias, entre as quais estão os seres não humanos, a natureza e o planeta.

Homi Bhabha (1998, p.86, 90) aponta a constituição do sujeito pós-colonial por meio de um movimento duplo de identidade e diferença. “Não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial – o artifício do homem branco inscrito no corpo do homem negro” (BHABHA, 1998, p.76). Neste sentido, o outro não é algo fixo oposto ao eu, ele faz parte de uma construção ao mesmo tempo homogênea e heterogênea. A filósofa pós-colonial Val Plumwood (2002) avança nas discussões dos pressupostos gerados por Bhabha ao também considerar os animais enquanto subalternos. Ela recusa o conceito de identidade que aponta exclusivamente similaridades entre sujeitos humanos e não humanos envolvidos num processo de comunicação, preferindo adotar a ideia de uma identificação solidária na qual não há risco nem da supremacia das diferenças e nem das semelhanças:

We must attain solidarity with the other in their difference, and despite the ambiguity of the term “identification”, solidarity here

¹ Devemos alcançar a solidariedade com o outro em sua diferença e, apesar da ambiguidade do termo “identificação”, a solidariedade aqui não pode ser interpretada como identidade; a solidariedade e o respeito não podem ser entendidos como processos de superação ou eliminação da alteridade ou diferença, e nem a ética nem a motivação podem derivar do estabelecimento da equivalência ética ao ego ou da extensão do egoísmo a uma classe mais ampla de grandes Eus [tradução nossa].

cannot be interpreted as identity; solidarity and respect cannot be understood as processes of over coming or eliminating otherness or difference, and neither ethics nor motivation can be derived from establishing ethical equivalence to self or from extending egoism to a wider class of big Selves (PLUMWOOD, 2002, p.200) .¹

Deste modo, o contato solidário entre os seres propicia a não hierarquização de espécies e promove o sentido de preservação mútua mesmo diante das diferenças. Para isto acontecer de fato, é necessário a adoção de uma racionalidade ecológica (PLUMWOOD, 2002, p.18). A solidariedade nas diferenças de animais humanos e não humanos deve ser análoga à comunicação solidária com as minorias sociais (PLUMWOOD, 2002, p.106). Nosso propósito neste artigo é analisar as consequências das mudanças climáticas em aves e comunidades indígenas representadas no documentário *Para onde foram as andorinhas?* (2015), produzido pelo Instituto Catitu em parceria com o Programa Xingu do Instituto Socioambiental², organizações não governamentais engajadas em projetos audiovisuais de protagonismo indígena e dos saberes tradicionais. Exibido na Conferência do Clima em Paris (COP-21) e disponível no site do Instituto Socioambiental, o filme narra as percepções dos impactos do aquecimento global no ecossistema e nos animais por parte dos povos habitantes do Parque Indígena do Xingu no estado de Mato Grosso, onde mais de 6 mil índios de 16 etnias diferentes perderam o habitat de quase 90% da floresta devido ao desmatamento motivado pelas plantações de soja, milho e pela criação de gado. Investigaremos o ativismo solidário dos povos do Xingu em relação às suas comunidades e aos seres não humanos diante dos prejuízos causados pelas alterações antropogênicas do clima.

Adotaremos o conceito de net-ativismo audiovisual e digital sugerido por Massimo Di Felice e Eliete Pereira (2017, p.43) relacionado aos usos de

² Disponível em <https://socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/premiado-curta-lancado-para-internet-alerta-para-mudancas-climaticas-no-xingu>.

dispositivos e plataformas colaborativas no protagonismo e no monitoramento das terras indígenas. Tais recursos promovem a legitimidade das territorialidades geográficas e comunicacionais desses povos na disputa planetária por visibilidade midiática (DI FELICE & PEREIRA, 2017, p.48). A territorialidade conectiva não delimita o território a seus componentes geográficos e físicos (DI FELICE & PEREIRA, 2017, p.55). Trata-se de um ativismo reticular “que condensa todas as redes nele inscritas ou ativadas e, transborda, igualmente, novos sentidos ecológicos e estéticos de sua cosmologia” (DI FELICE & PEREIRA, 2017, p.57). Assim, valendo-se de suportes tecnológicos comunicacionais, as comunidades indígenas valorizam a auto-percepção na natureza e a percepção sustentável dos ecossistemas naturais. Essa nova ideia de ativismo tem a “dimensão ecológico-habitativa consequente [sic] do processo de digitalização e de conexão” com a própria região e o planeta (DI FELICE & PEREIRA, 2017, p.61). Todavia, antes mesmo de analisar os sentidos do ativismo ambiental conectivo e reticular no documentário, precisamos discutir as perspectivas dos estudos animais pós-coloniais na comunicação na próxima seção.

Estudos animais pós-coloniais na comunicação

Compreendemos os estudos animais pós-coloniais como campo de pesquisa da análise da subalternidade e de sua superação por parte dos sujeitos humanos e não humanos integrados. Dentro do propósito das discussões sobre mudanças climáticas, esses atores são considerados fundamentais na ajuda mútua em favor da preservação do meio ambiente e do planeta contra os efeitos do aquecimento global. Nossa intenção específica de avaliar as representações midiáticas da natureza e dos animais colonizados por ações destrutivas deve contar com o apoio bibliográfico de autores da sociologia pioneiros nos estudos pós-coloniais ambientais, tendo em vista que as teorias de comunicação contemporâneas ainda carecem de paradigmas necessários à elaboração de conceitos analíticos de produções da área. Seguindo a concepção de produção comunicacional segmentada das minorias, nos termos de Homi Bhabha (1998, pp.245-246), permeada de diferentes conteúdos, sistemas incompatíveis de significação e formas distintas de subjetividade social, partiremos das contribuições de black studies [estudos negros] e queer studies [estudos gays] a respeito das questões ecológicas e climáticas. As

referências factuais desses dois distintos campos de estudos animais pós-coloniais são, respectivamente, a cobertura das consequências da passagem destrutiva do furacão Katrina em Nova Orleans (EUA) no ano de 2005 contra humanos e não humanos, e o episódio da separação de dois pinguins africanos machos de uma espécie em extinção comportando-se como um casal no Zoológico de Toronto (Canadá) em 2011. Esses fatos e suas devidas coberturas jornalísticas estimularam estudos animais pós-coloniais de vertentes negras e gays a produzirem livros e artigos associando racismo e meio ambiente, sexualidade e natureza.

Michael Eric Dyson (2005, p.210) enxerga na tragédia do furacão Katrina, ainda mais precarizada pelos efeitos das mudanças climáticas, um caso de racismo ambiental. O pesquisador de estudos afroamericanos denuncia a negligência do governo George Bush em relação às comunidades negras pobres de Nova Orleans por não evacuá-las da cidade antes da tragédia, de preconceito religioso e de gênero, tendo em vista que praticantes do voo e LGBTs foram acusados de serem responsáveis pelo desastre climático ao adotarem modos de vida considerados condenáveis. Segundo Dyson (2005, p.212), o acontecimento provocou a nação estadunidense a pensar suas dificuldades em lidar com a pobreza, as relações sociais e de classe, o meio ambiente, a governabilidade, a mídia e a cultura em geral. Ele avalia a cobertura jornalística da passagem do furacão em seu livro *Come hell or high water: hurricane Katrina and the color of disaster* [Vem inferno ou água torrencial: furacão Katrina e a cor do desastre], título carregado de sentidos ambientais e raciais. Segundo Michael Dyson (2005, p.170), os negros pobres sem condições econômicas de evacuar a cidade não receberam ajuda governamental e foram tratados como animais, também vitimados por essa crise climática. “The media also framed the black poor when it helped to spread rumors about violent and animalistic black behavior in the shelters to

which they fled”³. Os populares negros foram submetidos a estruturas midiáticas de referência capazes de socializar e estimular imagens estereotipadas (DYSON, 2005, p.165). Para Dyson (2005, p.167), a mídia norte-americana aumentou a crise social e racial ao reforçar preconceitos nacionais de negros ladrões de lojas e depredadores do patrimônio público e privado, ignorando em geral suas condições enquanto vítimas da tragédia climática. “America, and the media, have largely moved on past the tragic revelations of Katrina – the media will slink back into spineless endorsements of Black pathology, especially for the poor, in one form or another”⁴ (DYSON, 2005, p.175). A ironia da cobertura midiática foi comunicar o preconceito da nação americana contra os negros pobres. Em vez de se isentar da crítica social, a mídia segundo Dyson (2005, p.209), pode ampliar a consciência coletiva acerca da intersecção entre raça, pobreza e classe social. O autor aponta casos de black media, conglomerado de estações de rádio, de televisão, revistas e websites cujos proprietários são da elite negra, denunciando a injustiça econômica e racial envolvida nas consequências do Katrina (DYSON, 2005, p.211). Michael Dyson, portanto, alia os sentidos pós-coloniais e ambientais do cenário político, econômico, social e racial após a passagem do furacão em Nova Orleans. A cobertura jornalística fragmentou-se entre as referências estereotipadas e afroamericanas da tragédia. O autor sinalizou a necessidade da nação estadunidense resolver esses impasses em favor da democracia social e racial.

A pesquisadora de estudos femininos, de gênero e ambientais Noël Sturgeon denuncia a estereotipização romantizada das comunidades indígenas e dos animais em capítulo de livro sobre o documentário *A marcha dos pinguins* (2005). Sturgeon (In MORTIMER-SANDILANDS & ERICKSON, 2010, p.102) demonstra o usufruto da imagem dos pinguins

como símbolos populares do aquecimento global. Contrastando isso, “were the growing and unequal effects of the pollution of our atmosphere on marginalized human beings such as indigenous peoples in the Arctic regions, who are struggling to preserve their cultures and societies in the face of rapid climate change”⁵. Deste modo, a mídia hierarquiza a visibilidade das vítimas das mudanças climáticas, muitas vezes priorizando o clamor público que se sensibiliza mais com o sofrimento e a morte de certas espécies animais. A pesquisadora insinua a imprevisibilidade racista em documentários a exemplo de *Uma verdade inconveniente* (2006), produzido por Al Gore, ex-candidato à Presidência dos Estados Unidos, nos quais as tribos indígenas não são retratadas enquanto espécie em perigo (STURGEON In MORTIMER-SANDILANDS & ERICKSON, 2010, p.102). Nessa produção audiovisual, o produtor apresenta a perda do habitat natural congelado do urso polar, no entanto, não denuncia a crise ecológica nas comunidades indígenas. Noël Sturgeon (In MORTIMER-SANDILANDS & ERICKSON, 2010, p.122) aponta a necessidade da interconexão entre as políticas de preservação de espécies animais e as políticas de justiça ambiental, por meio da qual os índios também são vítimas do aquecimento global. E conclui: “Romanticizing indigenous people, or ignoring the technological and ecological underpinnings of all ways of living, are different forms of racism, both of which can make ecological ethnocide invisible”⁶ (STURGEON In MORTIMER-SANDILANDS & ERICKSON, 2010, p.123). Nestes termos, enquanto todos os seres não forem reconhecidos enquanto diretamente atingidos pelas alterações antropogênicas do clima, não haverá democracia ecológica. A pesquisadora faz uso dos estudos gays ambientais justamente para reforçar o esforço e a construção democrática como símbolos.

³ A mídia também moldou a referência dos pobres negros quando ajudou a espalhar rumores sobre o comportamento negro violento e animalesco nos abrigos para os quais eles fugiram [tradução nossa].

⁴ Os Estados Unidos e a mídia, em grande parte, ultrapassaram as revelações trágicas do Katrina – a mídia recuará em reforços covardes da patologia negra, especialmente para os pobres, de uma forma ou de outra [tradução nossa].

⁵ foram os efeitos crescentes e desiguais da poluição de nossa atmosfera sobre os seres humanos marginalizados, como os povos indígenas nas regiões árticas, que lutam para preservar suas culturas e sociedades diante da rápida mudança climática [tradução nossa].

⁶ Romantizar os povos indígenas, ou ignorar os fundamentos tecnológicos e ecológicos de todas as formas de vida, são formas diferentes de racismo, que podem tornar o etnocídio ecológico invisível [tradução nossa].

Os sentidos referenciados pelos autores pós-coloniais, dos black studies [estudos negros] e queer studies [estudos gays] sugerem as perspectivas discursivas a serem analisadas em narrativas envolvendo minorias e animais. Eles são sujeitos igualmente e diferentemente atingidos por danos ambientais e climáticos. Analisaremos estes aspectos no documentário produzido pelo Instituto Catitu. O documentário ambiental incorpora o sentido nomeado por Sean Cubitt (2005, p.142) em sua teoria cinematográfica do caráter da ecomídia enquanto agência de produção e distribuição dos sentidos do sujeito, da natureza e de suas relações, capazes de reconstruir essas relações do sujeito-natureza e as relações dos sujeitos entre si. Desta forma, as produções documentais ecológicas imprimem subjetividade não só a seus personagens, incluindo neste propósito ecossistemas naturais e animais. Almeida (2017, p.126) analisa a produção *Uma verdade inconveniente*, de Al Gore, e descreve a narrativa documental de mudanças climáticas constituída das etapas interpretativas de detecção de dados, da atribuição de causas naturais e antropogênicas, e do balanço de evidências dos efeitos biorregionais e globais dessas mudanças (ALMEIDA, 2017, p.124). Considerando *Para onde foram as andorinhas?* uma reportagem audiovisual documental, apontaremos também o construto radial, nos termos de Almeida (2018, p.102), “convergente de ofertas e demandas de problemáticas de gênero, classe, raça, etnia, através do qual os sujeitos legitimam individualmente, coletivamente e socialmente suas identidades e subjetividades, seus direitos a uma natureza preservada”. Esse caráter radial incide na representação de uma cidadania ambiental e climática, através da qual as relações do sujeito-natureza e as relações dos sujeitos entre si são reconstruídas, conforme destaca Sean Cubitt (2005, p.142). Os construtos interpretativo e radial dos sujeitos devem legitimar o net-ativismo ecológico conectivo e reticular de solidariedade entre os seres.

Construtos pós-coloniais e ativismo em *Para onde foram as andorinhas?*

A sonoridade de labaredas de fogo durante os créditos iniciais do documentário é seguida por imagens de queimadas enquanto áudio off, de locutor sem aparecer na cena, narra mito de um planeta cujo céu caiu devido às maldades dos brancos ao extinguir os índios. Na segunda sequência do filme, uma liderança indígena expõe a diferença do fogo controlado para uso na roça e de outro que se alastra sem controle a fim de desmatar. A segunda liderança, de outra etnia, atribui as queimadas de degradação ambiental aos brancos: “Eu penso que é porque os brancos estão acabando com a floresta que estamos sem proteção. O Sol está muito forte. Por isso eu penso que é a falta da floresta que nos deixa desprotegidos do calor do Sol”. Deste modo, a narrativa mítica inaugura a produção documental por meio da qual o aquecimento global é retratado de forma apocalíptica, capaz de consumir corpos sob uma atmosfera sem sua camada protetora, cujo efeito mais grave é a queda do céu. Agrega diferentes etnias do parque do Xingu (Pyulaga, Samaúma, Moygu, Arayo e Tuba-Tuba) através da territorialidade conectiva, tecnológica além de geográfica, mediada pelo documentário, ampliando a dimensão ecológico-habitativa da cosmologia, nos termos de Massimo Di Felice e Eliete Pereira (2017), ao papel crítico do audiovisual. A panorâmica, ou seja, o plano aberto da floresta na terceira sequência é tomada por legendas informativas a respeito do desmatamento no Xingu. Detecção do dado de que 42% das árvores ao seu redor foram derrubadas em 30 anos, dando lugar à monocultura de soja e milho, endossa o discurso da liderança indígena na sequência anterior. Em seguida, travelling (movimento de câmera que simula movimento de personagem ou objeto cênico) de canoa no rio e legenda sobre essa imagem sugerem a ida de índios da aldeia Sumaúma até um foco de incêndio. Cena de jovens da comunidade caminhando em trilha seguida por outra cena na qual a câmera angula a fumaça expelida marca um contraste entre comportamentos de preservação e de devastação. A queimada na área provoca a queda de uma árvore, fato precedente da angulação em close up (plano fechado de parte de personagem ou objeto cênico) de pernas de um dos indígenas responsáveis por apagar o fogo, indicando a persistência para manter a floresta em pé. Contraponto entre plano médio de personagem da brigada indígena contra incêndio e imagem desfocada do fogo reforça a crítica ambiental. Os discursos “A mata está pegando fogo fácil” e “O calor está causando isso” de líder entrevistado sobre angulações de tocos de árvores

desmatadas contrastando com outros enunciados a respeito da beleza da mata fechada onde outrora havia frutas comestíveis e animais silvestres, legítima a percepção do “ciclo infernal” e vicioso entre desmatamento e aquecimento do planeta, atribuídos a comportamentos humanos. Áudio em off acerca do incêndio ser o responsável pelo sumiço dos animais nos trechos de imagens de árvores secas anguladas por panorâmicas e travellings verticais demarca analogia entre o discurso da liderança e a busca de animais nas cenas por parte dos espectadores. Neste caso, a câmera simula o olhar do público e planifica sua preocupação e dos personagens, o filme desenvolve um ativismo reticular, termo usado por Di Felice e Pereira (2017), capaz de conectar redes humanas e digitais. As borboletas não aparecem mais, “mesmo com o rio secando”; quando eram muitas, quase entravam na boca dos indígenas. Trata-se de um discurso a gerar uma imagem metafórica que associa leitos cheios e espécies em abundância, plausível na compreensão xamânica a partir da qual os ecossistemas das águas, das florestas e dos humanos se confundem num só.

Na sequência posterior cuja locação é a beira do rio onde mulheres lavam roupa, discurso em off durante panorâmica, plano geral (angulação completa do personagem) e médio (angulação do personagem a partir de seu dorso) reforça o fato do desaparecimento das borboletas mesmo o leito não estando seco, insinuando a atribuição de causas não naturais. Close up de andorinha caminhando no solo, após áudio da liderança indígena denunciando o sumiço de animais, antecipa a angulação central do filme referenciada em seu título. Em seguida, panorâmica somada a travelling sobre a floresta simula o voo de um pássaro. 16 povos indígenas do Xingu retiram desse ecossistema natural fontes alimentícias e para produção de remédios, além de materiais sustentáveis necessários à construção de suas casas, segundo legendas. Assim, a angulação da câmera representa também a vigilância da floresta por parte de uma entidade xamânica, provavelmente sugerida pela imagem da andorinha na sequência anterior. A terceira legenda “O sistema de manejo tradicional dos índios garante a preservação de suas florestas” legítima a salvaguarda da natureza implicada na sobrevivência desses povos, e a sua dizimação significa a morte do ecossistema. Desta forma, a montagem fílmica agrega o espectador em uma identificação solidária, nos termos de Val Plumwood (2002), com os povos do Xingu, a Amazônia e o pássaro representado “miticamente” na panorâmica-travelling. O discurso de que “As

alterações ambientais fora do Parque estão interferindo no clima dentro dele” sinaliza os contextos globais e locais das consequências das mudanças climáticas, desenvolvendo balanço de evidências do qual depende o construto interpretativo do tema. O desaparecimento das cigarras, apontado em discurso off, é associado às queimadas das árvores entre as quais há uma estrada de areia e barro por onde passam dois indígenas angulados em plano médio, indicando o processo final dos danos ambientais: o desmatamento para a passagem de transportes cujos passageiros são motivados a provocar mais incêndios e derrubadas da flora amazônica. “Quando as cigarras cantam nós sabemos que dali a três dias a primeira chuva vai cair” é um discurso expressivo capaz de complementar a denúncia das causas dos fenômenos climáticos desregulados na região. A liderança indígena continua em close up: “É a cigarra que nos dá o sinal. Mas as cigarras não estão cantando”. Ele questiona os motivos de o calor cozinhar os ovos das cigarras, mostrando estar atento aos efeitos do aquecimento. Em discurso off, segue denunciando as queimadas, responsáveis por queimar as margens do rio e as árvores que servem de alimento aos peixes. Assim, a denúncia provoca uma racionalidade ecológica por parte dos espectadores em relação aos povos da floresta e aos animais, construindo uma identificação solidária segundo os pressupostos de Val Plumwood (2002), e sem hierarquização e romantização de espécies humanas e não humanas, lembrando os paradigmas de Noël Sturgeon (2010). Sem sobreposição de uma espécie a outra, todas são vítimas do aquecimento global; sem estereotipar as tragédias e os seres, de acordo com as discussões de Michael Dyson (2007).

Outro indígena compara os tempos antigos quando a floresta e as margens dos rios não queimavam com a atualidade na qual os homens brancos invadem os territórios indígenas e desmatam as árvores. Esse relato aparece em off enquanto uma mulher e uma criança usam lenha para assar beiju de mandioca e peixe, sugerindo o uso de madeira em pequena escala em favor da própria sobrevivência. “Quando eles [os brancos] fazem barragem nos rios nós ficamos preocupados. Como é que nós vamos nos defender deles?” colabora com o construto discursivo a respeito das consequências das ações humanas, particularmente alertando acerca das reações das comunidades a essas evidências, a fim de se proteger dos danos ecológicos e do aquecimento global. A liderança continua em off nas cenas de ventania levantando poeira

na aldeia: “E venta muito forte. Eu acho que é por causa do calor e do desmatamento em torno do nosso território. Por isso não tem mais cobertura. O vento vem nos afetando porque não tem mais floresta”. Os sentidos alarmantes problematizam as causas e consequências das mudanças climáticas, sem romantizá-las, capazes de afetar ainda mais as comunidades vulneráveis a exemplo dos povos indígenas. E segue durante plano médio: “Eu não estou satisfeito com os costumes dos brancos nem com o jeito dos governantes governarem”. Tal angulação dimensiona o nível de seriedade diante da preocupação com os fatos vivenciados, formulando uma racionalidade ecológica própria das comunidades da floresta. Segundo esse entrevistado, os governantes devem cobrar mudanças de comportamento por parte dos brancos, “que vocês não podem mexer com o nosso território”. O discurso legitima a narrativa mítica inicial do documentário a respeito da queda do céu. Deste modo, como os indígenas preservam o meio ambiente, sua destruição é a morte de toda a natureza, sentido recorrente na produção audiovisual. Ela remete a territorialidades geográficas ambientais e cria territorialidades digitais, demarcando os efeitos em todos os seres de uma forma geral. As legendas sobre panorâmicas de lavouras extensivas e pastagens na próxima sequência denunciam a destruição de nascentes e o assoreamento dos rios no parque do Xingu. Usando recursos de flashes de imagens de maquinários em plantações de soja, criticam o abuso de agrotóxicos. Mas a imagem seguinte do céu estrelado não sugere a queda do céu. Discurso em off demonstra a estrela alta enquanto sinal de processos regulares de chuvas, necessários às plantações das roças. Liderança em close up, todavia, detecta que elas estão desreguladas e não favorecem mais as colheitas. O calor seca os alimentos antes do fim dos ciclos de crescimento. Plano geral de índios caminhando na mata reforça em off a falta de fartura nas roças e critica a invasão da floresta pelos brancos: “O teu povo ficava muito distante daqui. Ao ver isso, me digo: Poxa, nossa alimentação está acabando”. A interlocução com os brancos através da diretora do documentário e dos indígenas sinaliza a união de forças em favor da natureza e de todos os povos. Os personagens entrevistados, portanto, cobram da produtora a imersão no problema, a fim de ela reconhecer, de fato, as territorialidades conectivas e reticulares, nos termos de Di Felice e Pereira (2017), construídas nas redes solidárias de humanos e de atores sociais diante das câmeras e nos bastidores das produções

audiovisuais. Durante close up, o entrevistado mostra as plantações de frutas secas e queimadas pelo calor. As palavras “Se acabar tudo, como nós fica [sic]” são emblemáticas da vulnerabilidade sócio-ambiental das comunidades sob cerco dos interesses dos grandes proprietários de terra, pois “os brancos já estão muito próximos, plantando a nossa volta”. A praga de percevejo, por exemplo, é resultante da plantação extensiva de soja. Ao atingir a cultura agrícola do pequi, também ataca as tradições culturais a exemplo do ritual da furação de orelha. Daí ser sintomático o líder indígena falar: “Como vamos saber o tempo da nossa história acontecer se já perdemos os sinais que marcam o tempo? Está mudando o tempo da nossa história”. De fato, não há espaço para romantizar a problemática climática na produção documental; ao contrário, os produtores e os entrevistados cumprem as etapas do construto interpretativo a respeito do tema: detecção de dados, atribuição de causas e balanço de evidências.

A andorinha traz a chuva segundo os Kawaiweté, no entanto, diante de sua ausência não é possível identificar o início das chuvas com antecedência. Em seguida, é apresentado um mapa indicando o desmatamento na bacia do rio Xingu durante 23 anos, simultaneamente a um áudio off no qual o entrevistado instiga o olhar do espectador a ficar atento ao mapa, após evidenciar as consequências nos ecossistemas naturais: “Olhem como vocês brancos destroem a floresta”. E contrapõe-se aos brancos: “Hoje nós estamos aqui onde está demarcada a nossa terra. Nós nunca pensamos em destruir essa floresta”. Mais uma vez, uma panorâmica-travelling e narração em off legitima os valores encontrados no meio ambiente, entre eles as fontes medicinais. O personagem continua: “Como vamos ficar quando os brancos acabarem com as florestas? [...] É por isso que não permitimos que os brancos invadam nosso território”. Ele quer preservar a floresta para não depender da comida dos brancos, defende isso em off durante imagem de criança na aldeia carregando cajus nas mãos. E conclui assim o documentário: “Porque o calor está demais. E o seu efeito sobre nossas plantações é devastador”. A última cena é a angulação do reflexo do sol nas águas do rio onde crianças se banham. As vozes da narrativa documental cumprem o papel de denunciar as causas e consequências das mudanças climáticas provocadas pelo homem branco, de modo que o destino escrutinado na narrativa mítica não se cumpra contra todas as espécies humanas e não humanas.

A produção audiovisual varia as angulações de câmera entre panorâmicas e close ups, e deste modo, amplia a dimensão da importância da floresta amazônica e personaliza as maiores vítimas da degradação ecológica. Os relatos emergem, a partir de um construto radial nos termos de Almeida (2018), de experiências coletivas de diferentes etnias e individuais, apontando de forma redundante os motivos da devastação a fim de demarcar os territórios de vulnerabilidades. O contraponto à cultura dos brancos também é feito quando os informantes denunciam as lavouras extensivas de soja. O documentário sugere a seguinte premissa: além de lutar pelos seus territórios demarcados, os povos devem unir forças a outros atores sociais em favor de suas constantes territorialidades, pois os valores ambientais não cessam diante das problemáticas envolvidas nos efeitos das mudanças climáticas. As vozes indígenas demarcam territórios em Para onde foram as andorinhas? como as únicas capazes de alertar contra a violência e a morte do meio ambiente, para não continuar perdendo nas geografias territoriais das grandes terras agrícolas. Deste modo, o filme delimita as relações entre os sujeitos e a natureza, e dos sujeitos entre si, papel das narrativas cinematográficas ambientais segundo Sean Cubitt (2005). A preservação do ecossistema natural depende da harmonia entre todos os seres humanos e não humanos. O apelo em favor dos animais, das frutas e da floresta é um alerta de sobrevivência, de conservação dos patrimônios naturais, culturais e históricos. A identificação solidária entre indígenas e outros seres no entorno das comunidades aponta que todos são vítimas do aquecimento global. Ao lutar pelas causas ambientais, as lideranças reforçam suas identidades étnicas sem suplantam os direitos de todos os seres vivos.

A produção audiovisual em questão ainda demonstra a integração entre a justiça social e ecológica, porque não há ganhos em relação à preservação das tradições culturais se o meio ambiente do qual elas dependem for reificado, ou seja, subjugado aos interesses exclusivamente econômicos dos brancos. Apesar de não delimitar claramente casos de racismo ambiental, tendo em vista que os discursos dos grandes proprietários de terras não aparecem na narrativa, emerge dos discursos dos personagens o classicismo ambiental principalmente quando denunciam os efeitos na fauna e na flora das áreas indígenas advindos das atividades das lavouras extensivas, a exemplo do uso de agrotóxicos. A narrativa também não foge do discurso interpretativo

em torno das causas e das consequências das mudanças climáticas, planejando as condições dos afetados e subjugados à expectativa programada na narrativa mítica em relação à queda do céu. Mesmo não valorizando o construto radial de identidades de gênero ao não dar amplo espaço a vozes femininas nas sequências e cenas, legitima o ativismo conectivo e reticular, transbordando sentidos ecológicos da cosmologia indígena aos fatos concretos em defesa da natureza apresentados na mídia digital. O mérito da narrativa é convergir no construto discursivo e das imagens a cidadania social, ambiental e climática, dando visibilidade à conservação da Amazônia em favor de todos os seres, inibindo as causas e os efeitos das mudanças climáticas na fauna, na flora e nos humanos. Assim, a cidadania das cigarras e das andorinhas é também a cidadania dos povos indígenas e do planeta. Elas são emblematicamente representadas por meio dos recursos de câmera subjetiva nas panorâmicas e travellings, ou seja, quando a angulação fílmica simula o olhar de pássaros ao sobrevoar a floresta. Pelo fato desses recursos serem associados às legendas nas imagens, as aves ganham caráter mítico, adotando a posição de um ser xamânico capacitado a alertar os humanos acerca da preservação. Ao interpretar os fatos através da estética audiovisual impressa nas cenas pela câmera, Para onde foram as andorinhas? cria uma realidade própria, alertando que há muito a fazer sobre a terra com o intuito de o céu não cair sobre todos nós.

Considerações finais

O documentário aqui analisado interpreta os efeitos das mudanças climáticas na região do parque do Xingu, agenciando os olhares de lideranças indígenas de diferentes etnias e de pássaros, detectando dados, atribuindo causas globais e locais, e fazendo balanço de evidências na perda de colheita agrícola, no desaparecimento de aves e no aumento do calor. A narrativa destaca que a racionalidade ambiental diante dos problemas passa pela identificação solidária com os seres não humanos e a natureza, sem supremacia nas semelhanças e diferenças entre eles. O net-ativismo de todos os povos colabora na construção de redes de socialização legitimadas nas mídias digitais, mediando e massificando a dimensão ecológico-habitativa da conservação do meio ambiente. Assim, a produção fílmica ilustra os pressupostos a respeito de justiça e cidadania defendidos pelos estudos pós-

coloniais e animais. Para onde foram as andorinhas? deixa uma questão relacionada não apenas à migração das aves, mas também no campo da justiça social e ambiental sem estereotipar determinadas vítimas em detrimento de outras. Se a cidadania ecológica não se constroi sozinho, sigamos as trilhas das andorinhas vigilantes e sinalizadoras de quaisquer mudanças nos ecossistemas naturais, pois todos sofreremos os mesmos efeitos contra a natureza, tenhamos ou não produzido suas causas.

Referências

ALMEIDA, S. F. (2018). Representações do tempo no jornalismo de mudanças climáticas e danos ambientais. João Pessoa: Ideia.

ALMEIDA, S. F. (2017). Ecocrítica da cartografia metafórico-interpretativa na não-ficção de mudanças climáticas, clima e danos ambientais. João Pessoa: Ideia.

BHABHA, H. (1998). O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

CUBITT, S. (2005). Ecomedia. Amsterdam; New York: Rodopi.

DERRIDA, J. (2002). O animal que logo sou. São Paulo: Editora UNESP.

DI FELICE, M., PEREIRA, E. S. (2017). Redes e ecologias comunicativas indígenas: as contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação. São Paulo: Paulus.

DYSON, M. E. (2007). Come hell or high water: hurricane Katrina and the color of disaster. New York: Basic Civitas Books.

IG São Paulo (2019). 'Brokeback Pinguins' ou o caso dos pinguins gays de Toronto. Disponível em <https://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/2013-03-21/brokeback-pinguins-ou-o-caso-dos-pinguins-gays-de-toronto.html>.

Instituto Catitu (2019). Projetos. Disponível em institutocatitu.org.br.

Instituto Socioambiental (2019). Instituto Socioambiental. Disponível em <https://issuu.com/instituto-socioambiental>.

Instituto Socioambiental (2019). Para onde foram as andorinhas é lançado na Internet. Disponível em <https://socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/premiado-curta-lancado-para-internet-alerta-para-mudancas-climaticas-no-xingu>.

Ministério do Meio Ambiente (2019). Acordo de Paris. Disponível em www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/acordo-de-paris.

PARA ONDE FORAM AS ANDORINHAS? (2015). Mari Corrêa [Video file]. Disponível em <https://m.youtube.com/watch?v=To-INQW3It0>.

PLUMWOOD, V. (2002). Environmental culture: the ecological crisis of reason. New York: Routledge.

SINGER, P. (2004). Liberação animal. Porto Alegre: Lugano.

STURGEON, N. (2010). Penguin Family Values: The Nature of Planetary Environmental. In C. M., B. E. (Eds.). Queer Ecologies: Sex, Nature, Politics, Desire (pp. 102-133). Bloomington: Indiana University Press.